



**INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA
CAMPUS CABEDELLO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

MARIA CLARA XAVIER MELO

**DESAFIOS PEDAGÓGICOS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II**

**CABEDELLO-PB
2025**



Campus
Cabedelo

**INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA
CAMPUS CABEDELLO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

MARIA CLARA XAVIER MELO

**DESAFIOS PEDAGÓGICOS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia da
Paraíba (IFPB) - Campus Cabedelo, como
requisito para conclusão do Curso de
Licenciatura em Ciências Biológicas.

**Orientador: Prof. Dr. Ronnie Wesley
Sinésio Moura**

**CABEDELLO-PB
2025**

Dados Internacionais de Catalogação – na – Publicação – (CIP)
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

M528d Melo, Maria Clara Xavier.

Desafios pedagógicos para a inclusão de alunos com TEA um relato de experiência no estágio supervisionado II. /Maria Clara Xavier Melo. - Cabedelo, 2025.

56f. il.: color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB.

Orientador(a): Prof. Dr. Ronnie Wesley Sinésio Moura.

1. Inclusão. 2. Estágio Supervisionado. 3. Ensino de Biologia.
4. Formação de Professores. 5. Transtorno do Espectro Autista (TEA)
I. Título.

CDU 376.004

MARIA CLARA XAVIER MELO

**DESAFIOS PEDAGÓGICOS PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS COM TEA: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II**

APROVADA EM: 11/07/2025

Cabedelo, 11 de julho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **RONNIE WESLEY SINESIO MOURA**
Data: 15/09/2025 17:59:36-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Ronnie Wesley Sinésio Moura
Orientador – Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB

Documento assinado digitalmente
 **FLAVIA MARCIA DE SOUSA**
Data: 17/09/2025 10:28:03-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Ma. Flávia Márcia de Sousa
Membro interno – Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB

Documento assinado digitalmente
 **LUCYANA SOBRAL DE SOUZA**
Data: 17/09/2025 21:44:06-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dra. Lucyana Sobral de Souza
Membro interno – Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB

DEDICATÓRIA

Com muito amor, dedico à minha avó Josefa, que já partiu, mas deixou em mim um afeto que o tempo não apaga. Em nossos últimos momentos juntas, no hospital, ela me disse: “Que o Senhor te abençoe nesta caminhada”. Guardei essas palavras com carinho, e elas me deram força nos dias mais difíceis. Sempre com seu jeito calmo, cheio de fé e ternura, minha avó foi e continua sendo uma presença viva em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com todo meu coração e com a minha fé, a Deus. Ele foi meu porto seguro e me guiou por toda essa jornada da faculdade. Foram anos cheios de perrengues e incertezas, momentos em que a energia parecia sumir, mas a presença dele e a certeza de que nunca me deixaria sozinha foram a base que me manteve firme, até chegar aqui com este trabalho pronto.

E um obrigada enorme vai para mim mesma. Por cada suor, por cada coisa que tive que abrir mão e, principalmente, por nunca ter jogado a toalha. A maioria dos dias era exaustiva, com essa rotina de trabalho e faculdade que me sugava por completo. Muitas vezes achei que não ia dar conta de entregar meu melhor. Mas a minha vontade inabalável de vencer foi sempre maior, me empurrando pra frente, firme e forte, até essa conquista.

Para minha heroína, minha amada mãe, Marleide. Seu amor incondicional e seu apoio incansável foram o combustível que me deu força pra superar cada obstáculo e desafio que apareceu no meu caminho. Este TCC é muito mais que um trabalho da faculdade, é um pedacinho, mas muito sincero, da minha gratidão imensa por tudo o que você fez por mim. Suas mãos, marcadas pelos calos de tanto esforço e sacrifício para garantir meu futuro, são o símbolo vivo da sua dedicação. Minha parceira de vida, de luta e de todas as conquistas, eu entrego hoje todo o meu esforço materializado nesta pesquisa.

À minha pequena e inspiradora sobrinha, Maria Elisa, quero que saiba: cada esforço, cada hora dedicada, foi pensando em você. Você é a inspiração que me impulsiona a buscar sempre mais na vida.

Ao meu querido namorado, Diego, minha gratidão eterna por todo o apoio, compreensão e paciência que você teve comigo, desde o comecinho do curso até o final. Sua presença e seu incentivo foram simplesmente essenciais e fizeram toda a diferença nesse processo, deixando a caminhada bem mais leve e motivadora.

Aos meus queridos pais do coração, Raphaela e Junior, um pedaço enorme do meu coração vai para vocês. Em cada passo difícil dessa jornada, quando a gente se sente meio perdido, o apoio de vocês foi um verdadeiro farol. A ajuda de vocês não foi só importante, foi decisiva para que eu chegasse até aqui, pavimentando o

meu caminho e fazendo essa vitória, que é tanto minha quanto de vocês, se tornar realidade.

Agradeço do fundo do coração às minhas amigas Esthefane e Ruth. Vocês foram um verdadeiro presente que a faculdade me deu, pessoas que tornaram essa jornada infinitamente mais leve. Sinto uma gratidão imensa por cada momento que vivemos juntas, pelo companheirismo, pelo apoio mútuo e por todo o carinho que sempre me ofereceram. Enfim, conseguimos!

Por fim, agradeço ao meu orientador, Ronnie Wesley, pelo apoio, orientação e confiança durante todo o desenvolvimento deste trabalho. Também sou grata às professoras Flávia de Sousa e Lucyana Sobral, pela disponibilidade e vontade de integrar a banca examinadora, contribuindo com olhares atentos e generosos para esta pesquisa.

“Eu tenho autismo, mas isso não me define. Eu sou mais do que um diagnóstico. Posso sentir, aprender, me comunicar e fazer a diferença, só preciso que me deem a chance”.

– Shaun Murphy, The Good Doctor

RESUMO

A Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) garante o direito à educação para todos, mas na prática muitos são os desafios para sua efetivação, especialmente para alunos autistas. Deste modo, este trabalho tem como objetivo geral relatar, a partir da vivência no Estágio Supervisionado II, os principais desafios enfrentados pelos professores de Biologia no processo de inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar. Para tanto, buscou-se identificar os principais obstáculos encontrados pelos docentes no atendimento a esses alunos, bem como descrever as práticas pedagógicas e os recursos didáticos observados que visam promover a participação e a aprendizagem de alunos com TEA no ensino de Biologia. Além disso, o estudo propõe refletir sobre a necessidade de suporte pedagógico e institucional para garantir uma inclusão efetiva no ensino de Biologia. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, baseada no relato de experiência do Estágio Supervisionado II. A pesquisa qualitativa permite uma compreensão mais profunda dos processos vivenciados no cotidiano escolar. As observações das práticas pedagógicas adotadas sugerem que a falta de estratégias específicas e o impacto da formação inicial e continuada são aspectos relevantes para esse processo de inclusão.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Ensino de Biologia, Formação de Professores, Inclusão, Transtorno do Espectro Autista (TEA)."

ABSTRACT

The Brazilian Inclusion Law (Law No. 13.146/2015) guarantees the right to education for all, but in practice, many challenges arise in its effective implementation, especially for autistic students. Thus, this study's general objective is to report, based on the experience during Supervised Internship II, the main challenges faced by Biology teachers in the process of including students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the school environment. To this end, the study sought to identify the main obstacles encountered by teachers in assisting these students, as well as to describe the pedagogical practices and didactic resources observed that aim to promote the participation and learning of students with ASD in Biology teaching. Furthermore, the study proposes to reflect on the need for pedagogical and institutional support to ensure effective inclusion in Biology education. The research adopted a qualitative approach, based on the experience report of Supervised Internship II. Qualitative research allows for a deeper understanding of the processes experienced in daily school life. Observations of the pedagogical practices adopted suggest that the lack of specific strategies and the impact of initial and continuing education are relevant aspects for this inclusion process.

Keywords: Supervised Internship, Biology Teaching, Teacher Training, Inclusion, Autism Spectrum Disorder (ASD)."

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Escola campo de estágio, José Mariano, Santa Rita.....	29
Figura 2: Atividade em alusão ao dia do estudante, Santa Rita, PB	33
Figura 3: Regência 6º ano, Santa Rita, PB	36
Figura 4: Regência 6ºano, Santa Rita, PB	37
Figura 5: Regência 6º, Santa Rita, PB	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

DSM-5 - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição

EJA - Educação de Jovens e Adultos

IFPB - Instituto Federal da Paraíba

PPP - Projeto Político Pedagógico

TEA - Transtorno do Espectro Autista

SUMÁRIO

1 Introdução	13
2 Objetivos	16
2.1 Objetivo geral	16
2.2 Objetivos específicos	16
3 Fundamentação Teórica	17
3.1 O Estágio Supervisionado na Formação Docente	17
3.2 O Estágio Supervisionado no Ensino de Ciências	19
3.3 A Educação Inclusiva e a Escolarização de Alunos com TEA	21
3.4 A Formação Inicial e Continuada como Pilares da Educação Inclusiva	23
4 Metodologia	27
5 Resultados e Discussões	30
5.1 Estrutura e Organização Escolar	30
5.2 Planejamento, Observação e Regência das Aulas	31
5.3 Regências no 6º Ano – Ensino Fundamental e as Implicações da Inclusão de Estudantes com TEA	33
5.4 O Estágio Supervisionado na Formação Docente e Inclusão	39
6 Considerações Finais	43
Referências	42
Anexos	46
Planos de aula Ciclo III e IV	50
Planos de aula Ciclo III e IV	51
Planos de aula Células	52
Planos de aula Níveis de organização dos seres vivos	53
Planos de aula Níveis de organização dos seres vivos (revisão)	54

1 Introdução

O Estágio Supervisionado é uma etapa essencial na formação docente, pois permite a integração entre teoria e prática, proporcionando uma vivência real do ambiente escolar. Essa experiência é fundamental para o amadurecimento profissional dos licenciandos, promovendo a reflexão crítica sobre os desafios da prática pedagógica. Segundo Pimenta e Lima (2019), o estágio ainda representa o principal meio de acesso aos conhecimentos e vivências que fundamentam o fazer docente, sendo um espaço privilegiado para articular teoria e prática.

No campo do ensino de Biologia, a importância do estágio supervisionado se torna ainda mais evidente. Ele representa uma oportunidade ímpar para experimentar diversas abordagens didáticas e observar de perto as complexas dinâmicas de uma sala de aula. Essa vivência profunda não apenas capacita o futuro educador a dominar os conteúdos a serem ensinados, mas também o sensibiliza para a rica diversidade dos alunos e para as demandas cotidianas do processo de ensino-aprendizagem. Autores como Araújo et al. (2021) enfatizam que, especificamente na Biologia, o estágio estimula uma postura crítica em relação à prática pedagógica, promovendo a integração dos conhecimentos acumulados ao longo da formação acadêmica.

A estrutura do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) – Campus Cabedelo, prevê o Estágio Supervisionado como um requisito curricular indispensável. Com um total de 400 horas, divididas em quatro etapas de 100 horas, essa fase crucial do aprendizado docente compreende uma gama de atividades, desde a observação atenta e o planejamento minucioso, até a efetiva regência em sala de aula. Tudo isso está em total alinhamento com os preceitos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96) e com a recente Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024, que delineia a organização e a duração dos cursos de licenciatura.

As 100 horas de cada etapa são distribuídas da seguinte forma: o Estágio Supervisionado I consiste na observação no Ensino Fundamental; o Estágio Supervisionado II foca na regência no Ensino Fundamental; o Estágio Supervisionado III abrange a observação no Ensino Médio; e, por fim, o Estágio Supervisionado IV se dedica à regência no Ensino Médio. As disciplinas de estágio são oferecidas a partir do 5º período, sendo cursada uma disciplina de estágio por período.

Esta investigação, em particular, nasceu de uma vivência muito concreta durante o Estágio Supervisionado II. Durante essa imersão, tornou-se palpável a complexidade dos desafios que os professores de Biologia enfrentam para consolidar uma educação verdadeiramente inclusiva. Em especial, no que tange ao suporte de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), foi possível observar a persistente carência de abordagens pedagógicas customizadas, a escassez notável de materiais e recursos adequados, e, por vezes, a compreensível insegurança dos próprios educadores diante dessa realidade.

A escolha deste tema para o trabalho foi profundamente influenciada pela vivência profissional e pela afetividade da licencianda com o campo da inclusão. A autora já possui experiência na área, atuando diretamente com autistas como atendente terapêutica, o que lhe conferiu uma perspectiva única e um maior engajamento na investigação dos desafios e estratégias para a inclusão de alunos com TEA no ambiente escolar.

Ainda que este estudo não siga um formato metodológico científico rígido, sua base se assenta solidamente em um relato de experiência, fruto da observação e vivência direta da licencianda no Estágio Supervisionado II. Distinguindo-se de métodos tradicionais que empregam coleta formal de dados ou grupos de controle, essa abordagem oferece uma perspectiva singular e aprofundada sobre as práticas pedagógicas no contexto da inclusão. Ela atua como um valioso complemento aos estudos quantitativos, ao mesmo tempo em que serve como um ponto de partida substancial para o desenvolvimento de futuras ações e formações docentes.

A metodologia se pautou na observação meticulosa e na análise reflexiva, empregadas como ferramentas primordiais para decifrar as estratégias de ensino, fomentar o desenvolvimento profissional e influenciar políticas educacionais. O objetivo maior é pavimentar o caminho para uma educação que honre a diversidade e promova a equidade no ensino de Ciências, buscando compreender como as práticas pedagógicas, a qualificação dos docentes e as diretrizes curriculares podem garantir uma educação genuinamente inclusiva, centrada na valorização da diversidade e no inalienável direito de cada estudante ao aprendizado pleno.

Acredita-se firmemente que, ao trazer à tona e debater os desafios, mas também as vastas possibilidades da inclusão de alunos com TEA no componente curricular de Biologia, este estudo tem o potencial de ampliar significativamente a

compreensão sobre o papel multifacetado e transformador do professor. Este educador é um pilar na construção de uma instituição de ensino que seja, em sua essência, acessível, acolhedora, profundamente democrática e verdadeiramente inclusiva. Mais do que um mero compartilhamento de vivências de regência, esta pesquisa anseia ser um catalisador para a reflexão contínua e para o aprimoramento constante das estratégias pedagógicas. Espera-se, com isso, oferecer subsídios e conhecimentos valiosos a todos os educadores que, diariamente, se dedicam a adaptar suas metodologias para atender às necessidades singulares de cada discente.

Em vista dessa abordagem e das intenções delineadas, a organização do presente texto segue a seguinte estrutura: inicia-se com a apresentação da introdução do trabalho, delineando os objetivos que guiaram a investigação. Na sequência, aprofunda-se no referencial teórico, que serve de base para compreender a complexidade da inclusão no ensino de Ciências e sublinha a relevância estratégica do estágio supervisionado na formação de professores. Em seguida, descreve-se detalhadamente a metodologia empregada, com foco no caráter de relato de experiência. Posteriormente, são expostos os resultados e as discussões emergentes da prática vivida durante a etapa de estágio. Por fim, o trabalho culmina nas considerações finais, que sintetizam os achados mais relevantes do estudo.

2 Objetivos

2.1 Objetivo geral

Relatar, a partir da vivência do Estágio Supervisionado II, os principais desafios enfrentados pelos professores de Biologia no processo de inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente escolar.

2.2 Objetivos específicos

1. Identificar os principais obstáculos enfrentados pelos professores de Biologia no atendimento aos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA);
2. Descrever as práticas pedagógicas e os recursos didáticos observados que visam promover a participação e a aprendizagem de alunos com TEA no ensino de Biologia.
3. Refletir sobre a necessidade de suporte pedagógico e institucional para garantir uma inclusão efetiva no ensino de Biologia.

3 Fundamentação Teórica

3.1 O Estágio Supervisionado na Formação Docente

O estágio supervisionado é uma das etapas mais importantes na formação de futuros professores, sendo considerado o momento em que a teoria adquirida ao longo do curso se conecta diretamente com a prática pedagógica. Durante esse período, os licenciandos têm a oportunidade de aplicar os conceitos aprendidos nas disciplinas e vivenciar a dinâmica do ambiente escolar. Essa experiência, conforme enfatizado por Pimenta e Lima (2012), é essencial para consolidar a aprendizagem, pois é no estágio que o futuro docente se depara com as complexidades do ensino, sendo desafiado a refletir sobre suas práticas e adaptá-las às realidades do contexto educacional.

Em muitas escolas, o estágio permite aos alunos observar as diferentes metodologias de ensino utilizadas pelos professores titulares e a forma como estas são aplicadas na prática. Como ressaltado por Cury (2003), o estágio atua como um campo de experimentação, no qual os futuros professores podem construir sua identidade profissional, aprendendo a lidar com desafios diários, como a gestão da sala de aula, a disciplina, e a adaptação do conteúdo às necessidades dos alunos. É, portanto, um espaço privilegiado de aprendizagem, que exige do estagiário não apenas a aplicação de técnicas pedagógicas, mas também um alto grau de reflexão crítica sobre a prática.

Durante a vivência do estágio, foi possível observar a constante necessidade de ajustes nas abordagens pedagógicas, em especial quando se lida com alunos com necessidades específicas, como os com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Como salientado por Cury (2003), o estagiário precisa desenvolver habilidades para lidar com a diversidade em sala de aula e aplicar diferentes estratégias para garantir que todos os alunos, independentemente de suas características, possam aprender de forma eficaz. A experiência de lidar com essa diversidade, por meio da adaptação de metodologias de ensino, é crucial para o desenvolvimento da competência docente.

Assim, o estágio supervisionado não é apenas um campo de aplicação, mas também um espaço de formação ética, profissional e social, uma vez que sensibiliza o futuro professor para a importância de promover um ensino inclusivo. Além disso, a interação com os alunos, durante o estágio, revelou a necessidade de um processo

constante de adaptação das práticas pedagógicas, o que exige do futuro docente uma postura flexível e criativa. A reflexão sobre as ações pedagógicas e as práticas desenvolvidas, como sugerido por Freire (1987), favorece a construção de uma identidade docente mais madura e crítica.

O conceito de identidade docente trata-se de um processo dinâmico e contínuo de construção e reconstrução do ser professor, permeado por suas experiências pessoais e profissionais, seus valores, suas crenças pedagógicas e sua visão de mundo. Essa identidade é moldada fundamentalmente pela reflexão sobre a própria práxis, ou seja, pelo ato de o educador analisar criticamente suas ações em sala de aula, as metodologias empregadas, as interações estabelecidas com os alunos e os resultados alcançados.

O estágio é, portanto, uma fase de fundamental importância para a preparação dos licenciandos, pois além de promover o desenvolvimento técnico e prático, também os capacita a pensar criticamente sobre o papel do professor na sociedade e suas responsabilidades diante das diferentes realidades educacionais.

A prática pedagógica vivenciada no estágio também tem um impacto significativo no processo de socialização do futuro docente.

A interação com outros profissionais da escola, como coordenadores, psicólogos e outros professores, contribui para a construção de um entendimento mais amplo sobre o funcionamento da instituição escolar. A experiência demonstrou que o trabalho colaborativo é essencial para a realização de práticas pedagógicas mais eficientes e inclusivas. A capacidade de se comunicar e trabalhar em equipe é, portanto, uma habilidade indispensável para o sucesso no exercício da profissão docente.

Como aponta Pimenta e Lima (2012), o estágio supervisionado não se limita à aplicação de métodos e técnicas de ensino, mas também se configura como uma experiência de crescimento pessoal e profissional, onde o futuro docente pode refletir sobre suas próprias práticas e atitudes frente aos desafios da profissão. Essas perspectivas teóricas servirão como lentes para a análise das experiências e adaptações vivenciadas durante o Estágio Supervisionado II, que serão detalhadas nas seções posteriores.

3.2 O Estágio Supervisionado no Ensino de Ciências

Compreendida a relevância do estágio na formação docente, é crucial agora direcionar o olhar para suas particularidades no ensino de Ciências, campo em que os desafios pedagógicos e as estratégias inclusivas adquirem contornos específicos. O estágio supervisionado no ensino de Ciências é uma etapa essencial para a formação de futuros educadores, pois oferece a oportunidade de aplicar os conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso em um ambiente escolar real.

Durante o estágio, foi possível observar que o ensino de Ciências exige uma constante adaptação entre os conceitos científicos e as formas de apresentação do conteúdo, de modo a garantir a compreensão e o envolvimento dos alunos com os temas abordados. Um dos aspectos mais importantes vivenciados foi a aplicação de metodologias ativas, que são abordagens pedagógicas centradas no aluno, buscando tornar o estudante o principal agente de seu aprendizado, em vez de um mero receptor de informações.

Exemplos dessas metodologias incluem a aprendizagem baseada em problemas e o uso de estratégias investigativas. Essas metodologias, segundo Jesus (2020), favorecem a participação ativa dos alunos, tornando o aprendizado mais dinâmico e eficaz. A utilização dessas abordagens, aliada a práticas didáticas interativas e atividades exploratórias, têm como objetivo estimular os alunos a se tornarem protagonistas no processo de aprendizagem.

Além disso, foi possível perceber que a adaptação do conteúdo e o uso de recursos didáticos diversificados são fundamentais para garantir o sucesso do ensino de Ciências. De acordo com Silva e Almeida (2019), o uso de tecnologias educacionais, como vídeos interativos e simulações digitais, facilita a compreensão de conceitos complexos, permitindo que os alunos visualizem e interajam com o conteúdo de forma mais concreta. Esses recursos didáticos tornam o aprendizado mais acessível e ajudam a tornar o conteúdo científico mais palpável e próximo da realidade dos alunos.

Outro ponto relevante observado foi a necessidade de ajustes constantes no planejamento das aulas, levando em consideração as características da turma e o ritmo de aprendizado dos alunos. A prática pedagógica no ensino de Ciências exige que o educador esteja atento às particularidades de seus alunos, utilizando estratégias diferenciadas que atendam a essa diversidade. Para Gomes (2016), a

reflexão contínua sobre as práticas pedagógicas é uma ferramenta indispensável para garantir a eficácia do ensino, especialmente em disciplinas complexas como as Ciências.

Ao abordar a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), ficou evidente a importância de estratégias pedagógicas diferenciadas. A adaptação das atividades didáticas, como o uso de recursos visuais, de estímulos táteis e de materiais concretos, foi fundamental para garantir a participação ativa desses alunos. Como ressaltam Silva e Peixoto (2018), a inclusão de alunos com TEA exige ajustes não apenas no conteúdo curricular, mas também na dinâmica de ensino, para que o ambiente escolar seja, de fato, inclusivo e acessível a todos os estudantes.

A interação entre alunos com e sem TEA durante as aulas de Ciências também se revelou um elemento positivo para o processo de aprendizagem. A convivência entre alunos com diferentes necessidades educacionais pode promover a empatia e a colaboração entre os estudantes, como observado nas aulas em que as atividades de grupo foram realizadas. Isso está em consonância com a visão de Vygotsky (2007), que defende que a interação social e a troca de experiências desempenham um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo e social dos alunos.

A inclusão no ensino de Ciências, portanto, vai além da simples adaptação do conteúdo. Ela exige a criação de um ambiente educacional que respeite e valorize as diferenças, promovendo uma aprendizagem significativa e equitativa para todos. A experiência vivenciada durante o estágio indicou que práticas pedagógicas diversificadas, como o uso de tecnologias assistivas que são um conjunto de recursos, serviços, equipamentos e estratégias que visam aumentar, manter ou melhorar as capacidades funcionais de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, promovendo sua autonomia e inclusão em diversos ambientes, incluindo o escolar e o atendimento individualizado, são fundamentais para contribuir que alunos com TEA possam aprender de forma efetiva e se desenvolver plenamente no ambiente escolar. e o atendimento individualizado, são fundamentais para possibilitar que alunos com TEA possam aprender de forma efetiva e se desenvolver plenamente no ambiente escolar.

3.3 A Educação Inclusiva e a Escolarização de Alunos com TEA

A educação inclusiva tem como princípio a ideia de que todos os alunos devem ter acesso ao ensino de qualidade, respeitando suas especificidades e necessidades individuais. O conceito de inclusão no contexto educacional busca promover a equidade no acesso, participação e aprendizado de todos os alunos, independentemente de suas características físicas, cognitivas ou emocionais. No caso dos alunos com TEA, a inclusão escolar se configura como um desafio adicional, pois exige adaptações pedagógicas específicas e a criação de um ambiente escolar acolhedor e respeitoso.

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, Texto Revisado (DSM-5-TR), publicado pela American Psychiatric Association (2022), o autismo é caracterizado por déficits persistentes na comunicação e na interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Estes aspectos variam em intensidade e se manifestam de forma diferente em cada indivíduo, o que reforça a necessidade de estratégias educacionais personalizadas que considerem essas variações.

É comum que a implementação de práticas inclusivas gere incerteza nos educadores, especialmente quando não se sentem devidamente preparados ou carentes de apoio adequado. Muitos professores e profissionais da educação, em particular aqueles que não receberam uma formação específica sobre o TEA, têm dificuldade em adaptar suas metodologias de ensino para garantir que esses alunos participem plenamente das atividades escolares. De acordo com Pinto (2016, p. 5), a carência de capacitação profissional e de recursos apropriados frequentemente leva a um sistema educacional excludente. Nesse cenário, estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem ser postos à margem ou não ter suas necessidades específicas atendidas de maneira satisfatória.

Como salienta Mantoan (2006), a inclusão implica uma mudança profunda na cultura escolar. Essa transformação exige que a escola valorize todas as trajetórias e reconheça a diferença como parte constitutiva do processo educativo. A escuta ativa, a mediação cuidadosa e o acolhimento das particularidades de cada estudante foram aprendizagens centrais durante o estágio.

De acordo com Freitas (2008), a inclusão exige um esforço coletivo de todos os profissionais da escola, incluindo professores, psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos. Durante o estágio, foi possível observar com clareza a importância

da colaboração entre os diferentes profissionais da escola para o sucesso da inclusão de alunos com TEA. Percebeu-se que, nas situações em que há uma equipe multidisciplinar bem articulada composta por professores, coordenadores, cuidadores e especialistas, o processo de inclusão torna-se mais efetivo. Isso ocorre porque as práticas pedagógicas tendem a ser mais sensíveis às particularidades dos estudantes, favorecendo intervenções adaptadas que promovem a participação e a aprendizagem de forma mais equitativa. O trabalho colaborativo no ambiente escolar não apenas potencializa o processo de inclusão, mas também fortalece o compromisso coletivo com uma educação verdadeiramente democrática.

Ainda assim, a realidade vivenciada nas escolas mostra que a inclusão vai muito além da simples matrícula de alunos com TEA em escolas regulares. A verdadeira inclusão exige que a escola se transforme, adaptando não só o conteúdo curricular, mas também o ambiente físico, os materiais pedagógicos e as práticas de ensino. Rodrigues *et al.* (2012, p. 300). Afirmam que "a inclusão escolar só se torna efetiva quando a escola adota práticas pedagógicas diferenciadas, que considerem as especificidades dos alunos com TEA e promovam sua participação ativa nas atividades de aprendizagem".

No estágio supervisionado, uma prática inclusiva exige a utilização de diversas metodologias e estratégias pedagógicas, como o ensino individualizado, o uso de tecnologias assistivas e a adaptação de materiais didáticos. Essas adaptações permitem que os alunos com TEA acessem o conteúdo curricular de maneira mais eficaz, respeitando suas dificuldades e potencialidades. Por exemplo, o uso de apoio visual, como quadros de rotina, pictogramas e vídeos educativos, pode facilitar a compreensão de conceitos e promover maior interação dos alunos com o conteúdo.

Além disso, a convivência entre alunos com TEA e seus colegas típicos foi outro aspecto observado no estágio. A interação social entre essas crianças é fundamental para o seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Como destaca Segundo Vygotsky (2007, p. 98), o processo de aprendizagem possui uma natureza fundamentalmente social. Nesse sentido, a interação e a troca de experiências entre todos os alunos, incluindo aqueles com e sem deficiência, constituem um elemento crucial para a socialização e o pleno desenvolvimento cognitivo. Os alunos com TEA, ao interagirem com seus colegas, podem ampliar suas habilidades sociais e cognitivas, o que reflete a importância de um ambiente escolar inclusivo. Embora o

processo de inclusão seja um desafio, ele também se configura como uma oportunidade de enriquecimento para toda a comunidade escolar.

A convivência com alunos com TEA promove o respeito à diversidade e a construção de uma cultura escolar mais empática e acolhedora. Como apontam Santos e Martínez (2015, p. 361), "a inclusão escolar beneficia não apenas os alunos com necessidades educacionais especiais, mas também os alunos sem deficiência, que aprendem a respeitar as diferenças e a valorizar a diversidade". A prática inclusiva, portanto, contribui para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos têm o direito de aprender e se desenvolver de acordo com suas próprias capacidades e necessidades.

Durante o estágio, a implementação de práticas inclusivas eficazes depende de um esforço contínuo de formação dos educadores. A formação inicial dos professores nem sempre é suficiente para lidar com a diversidade nas salas de aula, e, por isso, a formação continuada se torna essencial. Como afirmam Imbernón (2010) e Cury (2003), a formação contínua dos docentes é crucial para o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas e para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva.

A formação continuada oferece aos professores as ferramentas necessárias para lidar com a diversidade em sala de aula, ampliando suas habilidades e conhecimentos para trabalhar de forma eficaz com alunos com TEA. Em suma, o estágio supervisionado demonstrou que a inclusão de alunos com TEA é uma prática complexa, que exige adaptações pedagógicas, colaboração entre os profissionais da escola e um esforço contínuo para promover a equidade na educação.

A formação de professores, tanto inicial quanto continuada, é fundamental para garantir que todos os alunos, independentemente de suas características, tenham acesso a uma educação de qualidade. Além disso, a convivência de alunos com e sem TEA nas salas de aula contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva, respeitosa e solidária.

3.4 A Formação Inicial e Continuada como Pilares da Educação Inclusiva

A formação inicial e continuada dos professores é um pilar crucial para a efetivação de uma educação inclusiva de qualidade. A formação inicial, embora forneça os conhecimentos teóricos necessários, muitas vezes não é suficiente para

preparar o docente para lidar com a diversidade presente nas salas de aula. Assim, a formação continuada se torna essencial para que os educadores se atualizem constantemente, aprimorando suas práticas pedagógicas e se capacitando para as necessidades específicas de seus alunos, especialmente aqueles com TEA.

A formação inicial, por sua vez, apesar de não ser capaz de abranger todos os aspectos específicos da inclusão escolar, oferece aos futuros educadores a base necessária para refletirem sobre as questões educacionais de forma mais ampla. Cury (2003, p. 230) enfatiza que "a formação inicial do docente deve englobar tanto os conhecimentos sobre a disciplina que será ensinada quanto às metodologias que permitam o ensino para todos os alunos, respeitando suas particularidades".

Além disso, a formação continuada deve ser direcionada às reais necessidades da escola e das comunidades atendidas. Segundo Martin *et al.* (2013), a formação continuada não deve ser vista como um processo isolado, mas como uma parte integrante do cotidiano escolar, refletindo as dificuldades e desafios enfrentados pelos professores no dia a dia da sala de aula.

O desenvolvimento de metodologias inclusivas eficazes também exige a colaboração de diferentes profissionais da educação, como psicólogos, terapeutas ocupacionais e fonoaudiólogos. Segundo Freitas (2008), a inclusão escolar é um processo coletivo, e os professores, ao participarem de formações continuadas, podem aprender a trabalhar de maneira integrada com esses profissionais, criando um ambiente educacional mais inclusivo e acolhedor. De acordo com Imbernón (2010), a formação continuada deve ser uma prioridade nas escolas, pois ela permite que os professores acompanhem as mudanças educacionais e as novas abordagens pedagógicas.

No contexto da educação inclusiva, essa formação se torna ainda mais importante, pois os docentes precisam estar preparados para atender às particularidades dos alunos com TEA e outras deficiências. Os professores que participam de programas de formação continuada focados na educação inclusiva demonstram maior sensibilidade e competência para lidar com as diversidades cognitivas e comportamentais dos alunos. Freire (1987) argumenta que a formação docente não pode ser vista como um processo estático, mas sim como um movimento contínuo de reflexão e adaptação às necessidades do contexto educacional .

Durante o estágio supervisionado, os professores eram constantemente desafiados a repensar suas práticas pedagógicas e buscar soluções criativas para adaptar o conteúdo e as metodologias de ensino, de maneira que favorecessem a participação ativa de todos os alunos, incluindo os com TEA. Portanto, as formações inicial e continuada não devem ser vistas como processos distintos, mas como parte de uma trajetória contínua de aprimoramento profissional, essencial para garantir uma educação inclusiva efetiva.

A formação contínua, ao permitir que os professores se atualizem constantemente, proporciona a adaptação das práticas pedagógicas às novas demandas educacionais, favorecendo a inclusão plena de alunos com TEA. Segundo Weizenmann, Pezzi e Zanon (2020, p. 7), é fundamental que a formação docente para a inclusão seja um processo contínuo e que ofereça suporte prático e teórico aos professores, capacitando-os para atender à diversidade de alunos e para realizar as adequações pedagógicas necessárias.

Além disso, a gestão escolar tem um papel fundamental na promoção de uma cultura inclusiva. É necessário que as escolas invistam em recursos pedagógicos e tecnológicos que favoreçam a aprendizagem de alunos com TEA, além de apoiar os professores em sua formação contínua. Isso inclui a oferta de Salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), a contratação de profissionais com formação específica em Educação Especial e a promoção de ações que garantam uma prática pedagógica inclusiva, colaborativa e centrada nas necessidades individuais dos estudantes.

Em muitas situações, os recursos eram limitados, dificultando a implementação de práticas pedagógicas inclusivas. Havia ausência de livros didáticos em quantidade suficiente, falta de televisão ou projetores nas salas de aula, escassez de impressões para atividades adaptadas e recursos pedagógicos reduzidos de forma geral, o que comprometia a qualidade do ensino e a efetiva inclusão dos alunos com TEA.

Nesse sentido, a gestão escolar deve assumir a responsabilidade de garantir que os professores tenham o apoio necessário para a formação contínua e a implementação de práticas inclusivas de ensino. Em suma, a formação inicial e continuada dos professores constitui-se como um fator essencial para o sucesso da educação inclusiva. É necessário que os professores de Ciências sejam preparados para lidar com a diversidade, não apenas do ponto de vista pedagógico, mas também

social e emocional. Somente com uma formação sólida, que inclua tanto o conhecimento teórico quanto a prática reflexiva, será possível garantir que os alunos com TEA tenham uma escolarização efetiva, respeitosa e adaptada às suas necessidades, como sugerem os autores Pinto (2016), Imbernón (2010) e Cury (2003)

4 Metodologia

Este estudo configura-se como um relato de experiência, que é um gênero textual e metodológico que descreve detalhadamente uma vivência prática, seus processos, desafios e aprendizados, promovendo uma reflexão sobre as ações e os resultados obtidos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, descritiva e crítico-reflexiva, fundamentada nas vivências durante o Estágio Supervisionado II do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) – Campus Cabedelo.

A escolha da abordagem qualitativa justifica-se pela sua capacidade de investigar os fenômenos educacionais em seus contextos naturais, privilegiando a compreensão da subjetividade e das complexas interações humanas (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Ademais, a perspectiva crítico-reflexiva, respaldada em autores como Zeichner (1993), entende a formação docente como um processo dinâmico que articula teoria e prática por meio da reflexão constante sobre a ação pedagógica. Tal abordagem se mostra pertinente para identificar os principais obstáculos enfrentados pelos professores de Biologia no atendimento aos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), objetivo central que norteou a análise ao longo da prática.

As atividades ocorreram entre março e setembro de 2024, na Escola Estadual de Ensino Fundamental José Mariano, situada no bairro Tibiri, na cidade de Santa Rita – PB, que atendia aproximadamente 546 alunos. A atuação foi concentrada em turmas do 6º ano do Ensino Fundamental, no turno vespertino, onde foi possível observar práticas de ensino de Ciências da Natureza e interagir com estudantes com e sem diagnóstico de TEA. A escolha dessa escola para a realização do estágio se deu devido à sua proximidade com a residência da licencianda e por ser de fácil acesso, o que facilitou a realização das atividades previstas. A Figura 1 apresenta a fachada da escola onde o estágio foi realizado.

Figura 1: Escola campo de estágio, José Mariano, Santa Rita.2025



Fonte: Google Maps, 2025

Inicialmente, realizou-se um período de observação participante, com registros em diário de campo e fotografias, para conhecer o perfil dos alunos, as metodologias adotadas pela docente regente e a dinâmica da sala de aula. A partir dessas observações, foram planejadas e executadas 11 aulas regenciais, com base nos objetivos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Essas aulas utilizaram metodologias diversificadas, como aulas expositivas dialogadas, atividades práticas e interativas, slides digitais, quizzes na plataforma Kahoot e a confecção de materiais didáticos pelos próprios alunos.

As estratégias buscaram promover a aprendizagem significativa, especialmente dos estudantes com TEA, por meio de práticas acessíveis, lúdicas e adaptadas. Nesse sentido, foi possível descrever as práticas pedagógicas e os recursos didáticos observados que visam promover a participação e a aprendizagem de alunos com TEA no ensino de Biologia.

Ao longo do estágio, foi possível observar que o uso de recursos visuais, instruções objetivas, reforço conceitual por meio de imagens e atividades colaborativas contribuíram para o engajamento dos estudantes e para a promoção de um ambiente mais inclusivo. No entanto, também foram identificadas dificuldades enfrentadas por professores, especialmente relacionadas à falta de formação específica, escassez de recursos adaptados e ausência de equipe multidisciplinar de apoio. Essas limitações reforçam a importância de refletir sobre a necessidade de suporte pedagógico e institucional para garantir uma inclusão efetiva no ensino de Biologia.

Durante todo o processo, foram promovidas reflexões sistemáticas sobre as práticas desenvolvidas, tanto individualmente quanto em conjunto com a professora supervisora. Tais reflexões foram registradas em um portfólio e diário de campo, e buscaram analisar criticamente os resultados das intervenções, visando à melhoria constante das estratégias pedagógicas. Essa vivência evidenciou que a inclusão de estudantes com TEA no ensino de Ciências requer mais do que boa vontade; demanda planejamento, conhecimento, sensibilidade e apoio institucional contínuo, alinhando-se à construção de uma educação científica verdadeiramente inclusiva e significativa.

5 Resultados e Discussões

5.1 Estrutura e Organização Escolar

Durante o estágio, foi possível observar diversos aspectos da dinâmica escolar, desde sua organização física e administrativa até as práticas pedagógicas e estratégias voltadas à inclusão de estudantes com TEA. A estrutura física da escola, embora com certa antiguidade, oferece um espaço relativamente amplo, contando com oito salas de aula, sala da diretoria, sala dos professores, secretaria, quadra coberta, cozinha, pátio coberto, banheiros e sala de leitura.

Destaca-se a presença de uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), ambiente fundamental para a inclusão, onde os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação recebem apoio pedagógico complementar. A sala é equipada com recursos específicos, como materiais pedagógicos adaptados, jogos educativos, recursos tecnológicos e mobiliário acessível, permitindo o desenvolvimento de atividades que favorecem a autonomia e a aprendizagem de acordo com as necessidades individuais de cada estudante.

Entretanto, a ausência de um laboratório de Ciências representa uma limitação significativa para o ensino dessa disciplina, que exige, por sua natureza, o contato direto com experimentações, observações e manipulação de materiais. Essa carência reduz as possibilidades de aplicação de metodologias investigativas e práticas experimentais que poderiam tornar o conteúdo mais acessível e atrativo, sobretudo para alunos que se beneficiam de abordagens mais visuais e concretas, como é o caso de muitos estudantes com TEA.

Diante disso, o uso de recursos alternativos e estratégias pedagógicas criativas torna-se essencial para minimizar esse déficit estrutural e garantir uma aprendizagem significativa, evidenciando um obstáculo pedagógico que demanda adaptação por parte do professor de Biologia. Conforme Delizoicov e Angotti (2012), a experimentação no ensino de Ciências é essencial para promover o pensamento crítico e o protagonismo dos alunos na construção do conhecimento.

Apesar dessa limitação estrutural, a escola promove diversos eventos de integração com a comunidade, como feiras de ciências, desfiles escolares, jogos internos, apresentações culturais e atividades comemorativas. Tais iniciativas visam

fomentar um ambiente educacional participativo e inclusivo, valorizando o protagonismo estudantil e o envolvimento das famílias no cotidiano escolar. Essas informações foram obtidas por meio de conversas com a gestão, a coordenação e os docentes presentes na escola, uma vez que o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, que seria um documento de referência, encontrava-se em processo de desenvolvimento e não pôde ser consultado durante o período de estágio. Essa análise da estrutura física e dos recursos disponíveis já revela os primeiros obstáculos enfrentados pelos professores e a importância do suporte institucional para a inclusão.

5.2 Planejamento, Observação e Regência das Aulas

O Estágio Supervisionado II representou o primeiro contato prático e sistemático da licencianda em Ciências Biológicas do IFPB – Campus Cabedelo com a realidade da educação básica. Este estágio iniciou-se em 4 de julho de 2024, em reunião com a gestão da escola, ocasião em que foram apresentados os documentos institucionais, discutido o planejamento das atividades e estabelecido o plano de atuação. No mesmo dia, ocorreu o primeiro encontro com a professora supervisora do estágio, que apresentou as turmas do Ensino Fundamental, momento em que se iniciaram as observações sistemáticas em sala de aula.

Durante o desenvolvimento do estágio, as observações em campo foram essenciais para compreender as dinâmicas e os desafios presentes no contexto escolar, proporcionando uma visão ampla sobre as particularidades do ensino de Ciências para diferentes públicos. A integração com os estudantes foi intensificada em 8 de agosto, por ocasião da comemoração do Dia do Estudante, evento que facilitou o contato direto da estagiária com os alunos, promovendo maior aproximação com o ambiente escolar e fortalecendo o vínculo pedagógico. Conforme Pimenta e Lima (2012, p. 17), “o estágio supervisionado é uma atividade que articula teoria e prática, permitindo ao licenciando uma imersão significativa no contexto escolar”, aspecto fundamental para o desenvolvimento da identidade profissional do futuro docente.

A vivência no estágio possibilitou o reconhecimento das necessidades específicas dos alunos, a adaptação das estratégias pedagógicas e a reflexão sobre

as práticas inclusivas, configurando-se como uma experiência formativa indispensável para a consolidação da prática docente. A Figura 2, a seguir, refere-se ao primeiro contato com os estudantes durante a comemoração do Dia do Estudante; esse período de observação foi crucial para estabelecer vínculos iniciais e compreender o funcionamento do ambiente escolar de forma mais sensível e participativa.

Figura 2: Atividade em alusão ao dia do estudante, Santa Rita, PB



Fonte: Autoria Própria, 2025

As regências foram precedidas por reuniões com a professora supervisora, nas quais foram elaborados seis planos de aula detalhados. Esses planejamentos embasaram a realização de 11 regências ao longo do estágio, todas desenvolvidas com turmas do 6º ano do Ensino Fundamental. Os conteúdos abordados foram planejados em conformidade com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com ênfase na unidade temática “Vida e Evolução”.

As aulas foram estruturadas privilegiando metodologias ativas, que, segundo Moran (2015), consistem em “estratégias de ensino que colocam o estudante como protagonista de seu aprendizado, estimulando sua participação, autonomia e pensamento crítico por meio de atividades dinâmicas e contextualizadas”. Durante as regências, foram utilizadas metodologias como aulas expositivas dialogadas, atividades práticas, uso de tecnologias educacionais (como a plataforma Kahoot para quizzes interativos) e a elaboração de materiais pedagógicos colaborativos, como

livros temáticos confeccionados pelos próprios alunos. Essas estratégias pedagógicas visam promover uma aprendizagem significativa, estimulando a curiosidade e o pensamento crítico dos alunos, ao mesmo tempo em que respeitam as diversidades presentes no grupo.

Neste trabalho, será apresentado um relato detalhado das regências realizadas ao longo do Estágio Supervisionado II, com foco nas turmas do 6º ano do Ensino Fundamental. O enfoque principal estará direcionado às experiências vivenciadas nessas turmas, onde estiveram presentes estudantes com TEA. Essa escolha justifica-se pela relevância de analisar de forma aprofundada as práticas pedagógicas adotadas para promover a inclusão efetiva desses alunos, bem como os desafios e as estratégias utilizadas para atender às suas necessidades específicas. A partir desse olhar direcionado, busca-se compreender como as metodologias ativas, o suporte pedagógico e a adaptação curricular foram mobilizados para garantir um ambiente de aprendizagem inclusivo, respeitando a diversidade e promovendo o desenvolvimento integral de todos os estudantes.

5.3 Regências no 6º Ano – Ensino Fundamental e as Implicações da Inclusão de Estudantes com TEA

As aulas com as turmas dos 6º anos A, B, C e D do Ensino Fundamental foram cuidadosamente planejadas, considerando as necessidades específicas de desenvolvimento desse público e, de forma ainda mais acentuada, o desafio da inclusão de crianças atípicas. Cada uma dessas quatro turmas contava com um contingente significativo de aproximadamente 35 a 40 alunos, entre os quais havia de três a cinco estudantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) por turma. Esse contexto apresentava um cenário complexo, no qual a concentração e a dispersão dos estudantes eram frequentemente impactadas pela dinâmica do grupo, evidenciando desde o início os obstáculos enfrentados pelos professores no cotidiano da inclusão.

A presença dos alunos com TEA tornava-se um aspecto central do planejamento pedagógico, devido às manifestações características desse transtorno, como agitação, estereotípias e vocalizações elevadas, que exigiam adaptações específicas nas estratégias de ensino para promover a inclusão efetiva e o

desenvolvimento de todos os estudantes. Essas características, além de dificultarem a assimilação do conteúdo por parte das crianças atípicas, prejudicava também a concentração dos colegas típicos. Nesses momentos, o suporte especializado precisava se estender à maioria da turma, a fim de restabelecer um ambiente propício à aprendizagem, ultrapassando o foco exclusivo no aluno com autismo. Apesar dessas dificuldades, o engajamento geral dos estudantes foi notável, e a colaboração dos alunos típicos com seus colegas com TEA revelou-se um aspecto muito positivo e encorajador para o processo inclusivo, demonstrando a importância do suporte pedagógico entre pares.

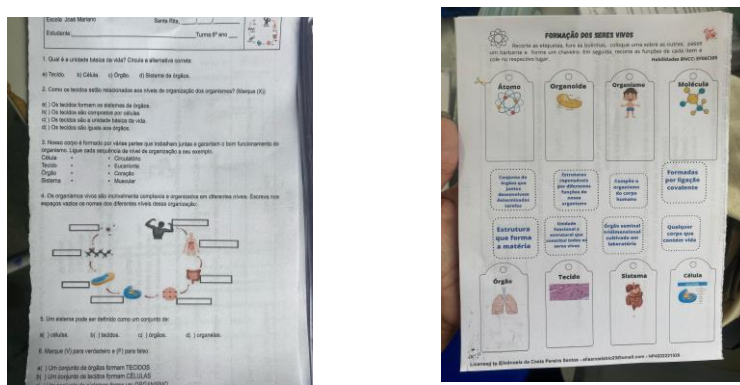
Durante o período de observações e regência nessas turmas, notou-se que apenas uma aluna com autismo contava com o suporte direto de uma cuidadora, enquanto os demais alunos com TEA não dispunham de acompanhamento especializado. Essa situação demandou a adoção de diversas estratégias adaptativas por parte da licencianda e da professora supervisora para favorecer a inclusão dessas crianças atípicas nas atividades em sala de aula, o que se alinha com o objetivo de identificar os principais obstáculos e refletir sobre a importância do suporte pedagógico e institucional.

Nas aulas ministradas pela licencianda, foram utilizados com frequência recursos visuais, os quais se mostraram fundamentais para auxiliar na compreensão dos conteúdos por parte dos alunos autistas. As explicações foram conduzidas de maneira pausada, com instruções simplificadas e segmentadas, com o objetivo de facilitar o entendimento, especialmente para aqueles que apresentavam maiores dificuldades de atenção e processamento. Em vários momentos, o acompanhamento individualizado mostrou-se indispensável, permitindo um suporte mais próximo para garantir que os estudantes conseguissem acompanhar o ritmo das atividades propostas.

Em 15 de agosto de 2024, foram realizadas aulas com as turmas dos 6º anos A, B e C sobre o tema “Células: estrutura e função” (BNCC, 2017, EF69CI07). A atividade foi dividida em duas etapas, iniciando-se com uma apresentação que utilizou recursos visuais cuidadosamente elaborados para facilitar a compreensão dos componentes celulares, especialmente adaptada para atender às necessidades dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Na segunda etapa, os estudantes participaram da produção de mini livretos em grupos, utilizando materiais simples

como papel, tesoura, barbante e cola, promovendo a interação prática e estimulando a criatividade. Apesar do esforço em adaptar as atividades para a diversidade do grupo, a inclusão dos alunos com TEA apresenta desafios significativos, como a necessidade de simplificação das explicações, ritmo mais lento nas atividades e suporte individualizado para garantir o entendimento pleno dos conteúdos por essas crianças atípicas. A Figura 4 a seguir mostra as atividades desenvolvidas durante essas regências, ilustrando os momentos de produção dos mini livretos.

Figura 4: Regência 6º ano, Santa Rita, PB



Fonte: Autoria Própria, 2025

Um exemplo marcante ocorreu em uma das aulas, durante a produção dos mini livretos sobre a estrutura celular, quando um dos alunos com TEA apresentou dificuldade para iniciar a atividade, demonstrando insegurança diante das instruções. A licencianda, ao perceber a hesitação, aproximou-se do estudante e passou a guiá-lo passo a passo, utilizando frases curtas, mostrando exemplos visuais e reforçando positivamente cada pequena conquista. Esse apoio permitiu que o aluno se engajasse na proposta com mais segurança. Essa experiência evidenciou como a atenção individualizada, mesmo que breve, pode ser decisiva para que alunos com autismo se sintam incluídos e capazes de participar ativamente das dinâmicas escolares. Tal prática reforça a importância de olhar para cada estudante como sujeito singular, respeitando seus tempos, suas formas de aprender e suas necessidades específicas dentro do coletivo.

Na mesma data, a turma do 6º ano D recebeu uma aula introdutória sobre “Níveis de organização celular” (BNCC, 2017, EF69CI07), desenvolvida por meio de uma abordagem interativa que utilizou exemplos do corpo humano e da natureza para

ilustrar a complexidade da organização dos seres vivos, desde as organelas até os sistemas de órgãos. A aula foi dividida em duas partes, sendo que na segunda parte foi realizada uma atividade lúdica e participativa em que os alunos participavam de um sorteio baseado na chamada escolar: um número correspondente à ordem da lista de chamada era sorteado, e o estudante convidado a responder uma pergunta relacionada ao conteúdo apresentado. Essa estratégia buscou reforçar o aprendizado de maneira dinâmica e engajadora. Para favorecer a inclusão dos alunos com TEA, foram implementadas adaptações, como o uso de recursos visuais e explicações mais pausadas, o que contribuiu para uma melhor assimilação dos conceitos por parte desses estudantes.

Entretanto, observou-se que a diversidade das necessidades dos alunos demandou atenção individualizada, pois muitos apresentavam dificuldades para manter o foco e compreender os conteúdos, especialmente devido à variabilidade nas manifestações do espectro autista, que podem afetar desde a capacidade de concentração até a interpretação das informações verbais e visuais. Esse aspecto ressalta a importância de estratégias pedagógicas flexíveis e o acompanhamento próximo para assegurar a participação e o aproveitamento educacional dos alunos com necessidades especiais. A Figura 5 a seguir retrata um dos momentos das aulas ministradas, em que foram utilizados slides como recurso visual para facilitar a compreensão dos conteúdos abordados. Essa ferramenta permitiu tornar as explicações mais claras e acessíveis.

Figura 5: Regência 6ºano, Santa Rita, PB



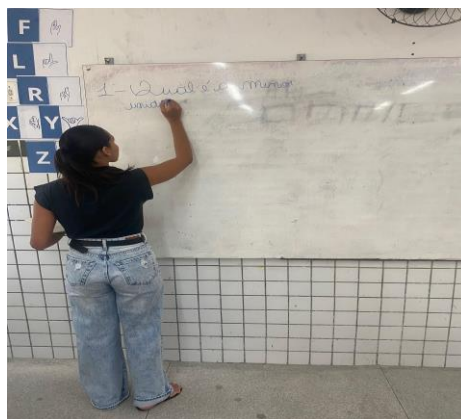
Fonte: Autoria Própria, 2025

Em 21 de agosto de 2024, foram realizadas as últimas quatro aulas com as turmas dos 6º anos A, B, C e D, todas dedicadas à revisão dos conteúdos previamente abordados ao longo das regências. A metodologia utilizada foi cuidadosamente planejada para proporcionar um momento de consolidação do aprendizado, promovendo a participação ativa e colaborativa dos alunos.

As aulas foram organizadas em três etapas principais: inicialmente, realizou-se uma roda de conversa, na qual os estudantes puderam expressar suas dúvidas e refletir coletivamente sobre os temas trabalhados; em seguida, foi feita a resolução de exercícios no quadro, a partir de perguntas relacionadas aos conteúdos de “células” e “níveis de organização celular”, já explorados nas aulas anteriores; por fim, houve uma retomada sistematizada dos conceitos essenciais, com destaque para os pontos de maior dificuldade identificados durante o estágio.

Esse momento final foi especialmente significativo do ponto de vista da inclusão, pois buscou respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem e as necessidades específicas dos estudantes. Para esses alunos, foram feitas intervenções pontuais, com explicações mais pausadas, linguagem acessível e apoio visual no quadro, o que favoreceu sua permanência focada nas atividades e ampliou suas possibilidades de compreensão dos conteúdos.

Notou-se que, mesmo diante de desafios como a dispersão ou as estereotipias, os alunos com TEA demonstraram interesse e envolvimento, especialmente quando convidados a participar das rodas de conversa, onde puderam contribuir com respostas curtas ou observações, muitas vezes com o apoio de colegas. O ambiente de acolhimento e estímulo colaborativo entre os estudantes típicos e atípicos foi um dos aspectos mais positivos desse momento de encerramento das regências. A Figura 6 a seguir ilustra esse contexto, mostrando a utilização do quadro durante a revisão dos conteúdos.

Figura 6: Regência 6º, Santa Rita, PB

Fonte: Autoria Própria, 2025

As atividades foram planejadas considerando essas necessidades específicas, buscando assegurar a participação ativa dos alunos com TEA nas propostas pedagógicas. A adaptação curricular e a utilização de materiais pedagógicos diversificados são essenciais para atender à diversidade do grupo e promover a aprendizagem significativa para todos. Por exemplo, na abordagem dos temas relacionados à célula e à reprodução dos seres vivos, foram feitas adaptações no modo de apresentação dos conteúdos, privilegiando exemplos concretos e práticas que estimulam a interação e a cooperação entre os estudantes, incluindo aqueles com autismo.

Apesar dos esforços empreendidos, a ausência de um suporte especializado mais amplo, como um número adequado de profissionais de apoio e a disponibilidade de materiais pedagógicos adaptados, limitou o alcance das ações inclusivas. Conforme Mantoan (2006) destaca, a inclusão efetiva depende da atuação articulada entre formação docente, suporte institucional e adaptações pedagógicas contínuas.

Muitos alunos com autismo necessitam da simplificação do conteúdo e do uso contínuo de recursos visuais para conseguir acompanhar as explicações e realizar as atividades propostas, e a falta desses elementos impacta diretamente na qualidade da inclusão. As experiências vivenciadas no estágio evidenciaram que a inclusão no ensino de Ciências requer não apenas a sensibilização dos professores, mas também a adaptação constante das estratégias pedagógicas e a disponibilidade de suporte individualizado para atender às demandas específicas dos alunos com TEA, reforçando a necessidade de formação docente contínua e suporte pedagógico institucional. O estágio permitiu vivenciar na prática os desafios da inclusão escolar e

reafirmar a importância da formação continuada dos professores e do apoio de equipes multidisciplinares para um ensino mais justo e acessível a todas as crianças atípicas.

5.4 O Estágio Supervisionado na Formação Docente e Inclusão

O estágio supervisionado se revela um pilar indispensável na formação inicial de futuros docentes, pois permite uma ponte essencial entre a teoria acadêmica e a realidade multifacetada do ambiente escolar. Como apontam Pimenta e Lima (2012, p. 17), essa etapa é um espaço fundamental para a consolidação da identidade docente, onde os licenciandos podem confrontar suas expectativas com os desafios diários da sala de aula, especialmente no ensino de Ciências. A observação e a regência de aulas durante este estágio sublinharam a necessidade imperativa de adaptações contínuas nas estratégias pedagógicas, um ponto que se tornou particularmente evidente ao lidar com alunos que apresentam TEA.

A flexibilidade em metodologias e recursos didáticos para atender às especificidades dessas crianças atípicas ressalta a relevância da reflexão crítica sobre a prática docente, em consonância com as ideias de Freire (1987), para que o ensino seja verdadeiramente transformador e sensível às necessidades individuais dos alunos.

No decorrer das regências, especialmente nas aulas ministradas às turmas dos 6º anos A, B, C e D, a aplicação de metodologias ativas esteve fortemente presente e alinhada às estratégias propostas durante o estágio supervisionado. As rodas de conversa, a resolução de exercícios no quadro com perguntas sobre o conteúdo, a construção de mini livretos e o uso de recursos visuais, como os slides, foram exemplos concretos da adoção de práticas que favorecem a aprendizagem ativa e centrada no estudante.

Tais abordagens dialogam diretamente com a aprendizagem baseada em problemas, ao propor situações que exigem reflexão, troca de ideias e busca de soluções por parte dos alunos. Além disso, os momentos de produção em grupo e a utilização de materiais acessíveis nas atividades práticas se configuram como formas de experimentação simplificada, especialmente eficazes no ensino de Ciências, pois estimulam a curiosidade, a construção do conhecimento e a conexão entre teoria e prática.

Essas experiências, quando adaptadas às necessidades específicas dos alunos com TEA, demonstraram o potencial das metodologias ativas para promover uma educação científica mais inclusiva, significativa e engajadora. Tais abordagens, segundo Silva *et al.* (2022), são reconhecidamente eficazes para cativar o engajamento estudantil e simplificar a compreensão de conceitos científicos complexos. No entanto, a vivência prática demonstrou que a implementação dessas metodologias, sobretudo em turmas que contam com a presença de discentes com autismo, exige adaptações pedagógicas constantes e sensíveis.

A diversificação de recursos didáticos, incluindo vídeos educativos, tecnologias digitais e materiais concretos, mostrou-se vital para assegurar o acesso ao conteúdo por todos os alunos, independentemente de suas condições cognitivas (SILVA; ALMEIDA, 2019). A inclusão de alunos com TEA nas aulas de Ciências demanda ajustes constantes no planejamento, como o uso de recursos visuais (quadros de rotina) e a utilização de materiais concretos, essenciais para garantir a participação ativa dessas crianças atípicas (SILVA; PEIXOTO, 2018).

A análise aprofundada das práticas pedagógicas voltadas para a inclusão de alunos com autismo revelou os desafios persistentes, especialmente a ausência de um suporte especializado mais amplo. Notavelmente, apenas uma aluna com autismo contava com o suporte direto de uma cuidadora, enquanto os demais alunos com TEA não dispunham de acompanhamento individualizado.

Essa carência de apoio formal sobrecarregou o professor de Biologia e a licencianda, limitando o tempo e a atenção que poderiam ser dedicados aos demais estudantes e evidenciando a urgência de um *suporte pedagógico e institucional* mais robusto. Como apontado por Pinto (2016), a falta de formação e de recursos adequados muitas vezes resulta em uma educação excludente, onde alunos com TEA acabam sendo marginalizados ou não têm suas necessidades atendidas adequadamente.

A manifestação de agitação, estereotípias e vocalizações elevadas por parte de alguns alunos com TEA, observadas durante as regências, apresentou desafios diretos à concentração tanto das crianças atípicas quanto de seus colegas típicos. Para mitigar esses obstáculos, foram implementadas estratégias como o uso intensivo de recursos visuais (slides, diagramas no quadro), explicações pausadas e instruções simplificadas e segmentadas. O acompanhamento individualizado também

se mostrou indispensável em diversos momentos, permitindo guiar o aluno passo a passo e reforçar positivamente cada pequena conquista.

Essa atenção individualizada, mesmo que breve, demonstrou ser decisiva para que os alunos com autismo se sentissem incluídos e capazes de participar ativamente das dinâmicas escolares. A colaboração dos alunos típicos com seus colegas com TEA, revelada como um aspecto muito positivo e encorajador, manifestou-se na forma de apoio espontâneo em atividades de grupo e na inclusão em rodas de conversa, o que reforça a importância de um ambiente de acolhimento e estímulo colaborativo.

A experiência prática do estágio reforçou a importância da formação continuada dos professores para a construção de uma educação inclusiva de excelência. A formação inicial, embora crucial, nem sempre é suficiente para preparar os educadores para lidar com a complexidade da diversidade presente nas salas de aula, especialmente no atendimento a alunos com autismo. Essa lacuna na formação inicial foi percebida nas dificuldades enfrentadas ao adaptar metodologias para as variadas características do TEA, ressaltando a necessidade de maior preparo e segurança por parte do docente.

Imbernón (2010) salienta que a formação continuada é essencial para que os educadores possam atualizar e aprimorar suas práticas pedagógicas, desenvolvendo maior sensibilidade às necessidades de seus alunos. O aprofundamento na formação dos professores em relação ao TEA e à educação inclusiva é imperativo, pois as práticas cotidianas exigem habilidades específicas e estratégias de intervenção que nem sempre são contempladas na formação inicial. Cury (2003) e Imbernón (2010) afirmam que a formação continuada é fundamental para que os professores possam refletir criticamente sobre suas práticas e buscar soluções criativas para os desafios educacionais, especialmente aqueles relacionados à inclusão de crianças atípicas.

Em suma, o estágio supervisionado demonstrou que a formação docente, tanto inicial quanto continuada, é crucial para a implementação de práticas pedagógicas inclusivas e eficazes. A colaboração entre os diferentes profissionais da escola, mesmo diante das limitações de suporte, e a utilização de metodologias diferenciadas são pilares fundamentais para promover uma educação de qualidade que respeite as necessidades de todos os alunos, incluindo aqueles com TEA. A experiência do estágio reforçou a necessidade de uma reflexão constante sobre as práticas

pedagógicas e de um esforço contínuo de adaptação para garantir a efetividade da inclusão escolar e a equidade nas oportunidades de aprendizagem.

6 Considerações Finais

O Estágio Supervisionado II constituiu etapa formativa essencial, proporcionando imersão significativa na realidade escolar e possibilitando a articulação crítica entre teoria e prática. A experiência favoreceu não apenas a compreensão das múltiplas demandas do ensino de Ciências, mas também a reflexão acerca da construção de práticas pedagógicas inclusivas, especialmente no atendimento a estudantes com TEA.

Durante a atuação nas turmas do 6º ano do Ensino Fundamental, evidenciou-se que a inclusão ultrapassa a mera presença física dos alunos em sala de aula. Trata-se de um processo que requer compromisso ético, planejamento intencional e estratégias diferenciadas, considerando as singularidades dos estudantes. Para sua efetivação, é fundamental a integração colaborativa de todos os profissionais que compõem o ambiente escolar, professores, coordenadores, equipe pedagógica, funcionários e familiares formando uma rede de apoio que potencialize o desenvolvimento pleno de cada estudante.

A utilização de metodologias ativas, recursos visuais, digitais e adaptativos revelou-se imprescindível para promover o engajamento dos estudantes e favorecer a aprendizagem de forma equitativa. Iniciativas como jogos interativos, vídeos explicativos e materiais visuais demonstraram o potencial transformador de abordagens pedagógicas inovadoras, sobretudo no suporte a alunos com necessidades específicas, como os com TEA.

Nesse sentido, a vivência prática também evidenciou a importância de uma formação docente que extrapole o conteúdo disciplinar. Embora a formação inicial seja fundamental, revelou-se insuficiente diante dos desafios cotidianos da inclusão. Assim, a formação continuada, aliada ao trabalho colaborativo entre professores e demais profissionais da escola, mostrou-se indispensável para garantir uma educação de qualidade. Ensinar exige constante escuta, reinvenção e compromisso com a transformação social.

Entretanto, observou-se que muitos professores ainda enfrentam dificuldades significativas para lidar com a diversidade presente nas salas de aula, especialmente

no atendimento a alunos com TEA. A ausência de formação específica, o receio diante de comportamentos considerados desafiadores e a escassez de recursos pedagógicos adequados configuram obstáculos frequentes. Esses desafios impactam diretamente no processo de inclusão e indicam a necessidade de políticas institucionais que ofereçam suporte técnico e emocional aos docentes, fortalecendo suas práticas e ampliando sua confiança para atuar com a diversidade.

Durante o estágio, constatou-se que, embora o conhecimento teórico básico sobre educação inclusiva estivesse presente, a prática demandava preparo mais aprofundado acerca das necessidades específicas dos alunos com TEA. A carência de capacitações direcionadas a essa área e a ausência de equipe multidisciplinar de apoio limitaram a abrangência e a efetividade das estratégias aplicadas em sala de aula, revelando a urgência de uma reestruturação na formação docente.

Embora o Instituto Federal da Paraíba (IFPB) contemple, em sua grade curricular, a disciplina de Educação Inclusiva, essa formação ainda não se mostra suficiente para preparar os futuros docentes a enfrentar, de forma segura e eficiente, os múltiplos desafios e demandas de uma sala de aula diversa. É necessário que a instituição compreenda a complexidade das necessidades educacionais dos alunos e amplie o escopo das disciplinas voltadas à inclusão. Isso permitirá formar professores mais preparados para adaptar suas atividades e estratégias, garantindo uma aprendizagem significativa e acessível para todos.

Apesar dessas dificuldades, a experiência de estágio foi decisiva para fortalecer o compromisso com uma prática docente pautada na equidade e no respeito à diversidade. A interação com estudantes em contextos reais contribuiu para o amadurecimento profissional da licencianda, despertando uma postura mais empática, crítica e flexível diante das diferentes formas de aprender e ensinar.

Em síntese, o Estágio Supervisionado II consolidou-se como oportunidade singular de crescimento pessoal e profissional, reafirmando o papel do professor como agente de mudança. A prática reflexiva, aliada a um olhar sensível e ético, constitui o alicerce para a construção de uma escola verdadeiramente democrática, na qual todos os alunos, inclusive aqueles com TEA, tenham garantidos seus direitos ao aprendizado e ao respeito.

Ao identificar barreiras e estratégias exitosas observadas em campo, este trabalho espera inspirar a criação de ambientes de aprendizagem que valorizem a diversidade cognitiva e assegurem oportunidades equitativas de acesso ao conhecimento. É fundamental que os professores se reconheçam como agentes de transformação, capazes de construir uma educação que não apenas cumpra determinações legais de inclusão, mas que celebre as singularidades e potencialize o desenvolvimento integral de cada indivíduo.

Por fim, ressalta-se que a inclusão é um processo contínuo e coletivo, que demanda o engajamento integrado de toda a comunidade escolar, professores, equipe pedagógica, famílias e gestores trabalhando em parceria para a construção de uma educação para todos, mais justa, acessível e acolhedora.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR*. 5. ed.

AMORIM, A. C. R. O que foge do olhar das reformas curriculares: nas aulas de biologia, o professor como escritor das relações entre ciência, tecnologia e sociedade. *Ciência e Educação*, v. 7, n. 1, p. 47–65, 2001.

ANDRADE, A. B.; SILVEIRA, Z. M. As possibilidades e os limites da inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA): experiências de uma escola do município de Criciúma/SC. *Revista Saberes Pedagógicos*, v. 4, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/pedag/article/view/6180>. Acesso em: 04 maio 2025.

ARAÚJO, A. M. S. et al. Estágio supervisionado no ensino de Biologia em momento de pandemia: vivenciando o processo de ensino e aprendizado, desafios e perspectivas. In: *VII CONEDU - Condou em Casa*. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/81065>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BAPTISTA, G. C. S. A importância da reflexão sobre a prática de ensino para a formação docente inicial em ciências biológicas. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 5, n. 2, p. 86–96, 2003.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 maio 2025.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 15 maio 2025.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 16 maio 2025.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 16 maio 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/CP nº 4, de 29 de maio de 2024*. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Escolar Básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 3 jun. 2024. Acesso em: 16 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília, DF: MEC, 2008. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11722-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-pdf&category_slug=dezembro-2008-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 16 maio 2025.

CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS. Declaração de Salamanca. 2. ed. Brasília: CORDE, 1997.

COSTA, D. N. TAVARES, G. S.; LINS, R. P. M. Estágio supervisionado no ensino de ciências durante período remoto: relato de vivências e desafios. *Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, v. 16, n. 1, p. 37–48, 2023. DOI: 10.46667/revbio.v16i1.871. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/871>. Acesso em: 9 maio 2024.

CURY, C. R. J. Estágio Supervisionado na formação docente. In: *Políticas Educacionais, práticas escolares e alternativas de inclusão escolar*. São Paulo: DP & A Editora, 2003.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. *Ensino de Ciências: fundamentos e métodos*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, S. N. Sob a ótica da diversidade e da inclusão: discutindo a prática educativa com alunos com necessidades educacionais especiais e a formação docente. In: FREITAS, S. N. (Org.). *Tendências contemporâneas de inclusão*. Santa Maria: UFSM, 2008. p. 19–30.

GARCIA, C. M. *Formação de professores: para uma mudança educativa*. Lisboa: Porto, 1999.

GOMES, M. Reflexões sobre a prática pedagógica no ensino de Ciências. São Paulo: Editora Educação, 2016.

IMBERNÓN, F. *Formação continuada de professores*. São Paulo: Artmed, 2010.

JESUS, C. A. de. As contribuições do estágio supervisionado na formação inicial em biologia. *Cadernos do GPOS SHE On-line*, v. 6, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/7980>. Acesso em: 04 maio 2025.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* 7. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MARTINU, L.; SOUZA, I.; GOMES-DA-SILVA, P. Como saber se meu mundo de ideias daria certo na prática: o medo da docência no estágio supervisionado em Educação Física. *Motrivivência*, v. 40, p. 51–66, 2013.

MENEZES, J. B. F.; SILVA, H. D. A. da. Relevância e contribuições do estágio supervisionado para o exercício da profissão docente na percepção dos licenciandos em Ciências Biológicas. *Iniciação & Formação Docente*, v. 5, n. 2, 2020. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistagepadle/article/view/2492>. Acesso em: 04 maio 2025.

MARTIN, C.; PEREIRA, A.; SILVA, L. Formação docente e práticas pedagógicas: uma análise das necessidades formativas no contexto escolar. [S.l.: s.n.], 2013.

MORAN, J. M. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2015.

NICOLA, J. A. PANIZ, C. M. A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no Ensino de Ciências e Biologia. *InFor*, v. 2, n. 1, p. 355–381, 2017.

PELOSI, M. B. Por uma escola que ensine e não apenas acolha recursos e estratégias para inclusão escolar. In: MANZINI, E. J. (Org.). *Inclusão e acessibilidade*. Marília: ABPEE, 2006. p. 121–132.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. *Estágio e docência*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágios supervisionados e o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência: duas faces da mesma moeda? *Revista Brasileira de Educação*, v. 24, 2019.

PINTO, L. C. Atitudes de professores frente à inclusão de alunos com TEA. *Revista Educação Inclusiva*, v. 10, n. 1, p. 123–136, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/NwnK5kF4zM9m9XRynr53nwF/>.

RODRIGUES, N. B.; MOREIRA, M. I. S.; LERNER, R. Inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática. *Educação em Revista*, v. 28, n. 2, p. 297–320, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/LwWNFfpwcvWRvdwLTkMvdWF/?lang=pt>. Acesso em: 04 maio 2025.

SANTOS, G. C. S.; MARTÍNEZ, A. M. A subjetividade social da escola e os desafios da inclusão de alunos com desenvolvimento atípico. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 21, n. 3, p. 349–364, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/DbcwYNzDMZkMw7zLRtsMFbM/>. Acesso em: 04 maio 2025.

SILVA, F.; ALMEIDA, R. Tecnologias educacionais no ensino de Ciências: potencialidades e desafios. *Revista Brasileira de Educação*, v. 24, n. 2, p. 45-60, 2019.

SILVA, A.; PEIXOTO, D. Inclusão no ensino de Ciências: uma abordagem para alunos com TEA. São Paulo: Editora Inclusão, 2018.

SETÚBAL, F. A. R.; BEJARANO, N. R. R. Os modelos didáticos com conteúdos de genética e a sua importância na formação inicial de professores para o ensino de ciências e biologia. *Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*, v. 7, 2009.

SOARES, M. N. O estágio curricular supervisionado na licenciatura em ciências biológicas e a busca pela experiência formativa: aproximações e desafios, 2012.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEIZENMANN, L. S.; PEZZI, F. A. S. ZANON, R. B. Inclusão escolar e autismo: sentimentos e práticas docentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 24, n. 1, p. 1–9, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/NwnK5kF4zM9m9XRynr53nwF/>. Acesso em: 04 maio 2025.

ZEICHNER, K. M. Formação reflexiva de professores: ideias e práticas. In: ZEICHNER, K. M.; LISTON, D. P. *Ensinar com a cabeça e o coração: a formação reflexiva de professores*. Porto Alegre: Artmed, 1993. p. 31–50.

Anexos

Planos de aula Ciclo III e IV



PLANO DE AULA
ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO: E.E.E.F. José Mariano
ESTAGIÁRIO/S: Maria Clara Xavier Melo
ORIENTADOR: Prof. ^o : Dr. Henrique César da Silva
PROF. SUPERVISOR: Elisângela da Costa Pereira Santos
TÍTULO/TEMA DA AULA: Reprodução assexuada e sexuada
DATA DA AULA: 14/08/2024
ANO/TURMA: CICLO III e IV
COMPONENTE CURRICULAR: Ciências
UNIDADE TEMÁTICA: Vida e Evolução
OBJETOS DE CONHECIMENTO: Comparar diferentes processos reprodutivos em plantas e animais em relação aos mecanismos adaptativos e evolutivos.
HABILIDADES: EF08CI07
LOCAL DE REALIZAÇÃO DA AULA: Sala de aula
DURAÇÃO DA ATIVIDADE: 45 minutos
OBJETIVOS:
OBJETIVOS GERAL:
- Adquirir conhecimento sobre o conteúdo de reprodução sexuada e assexuada ; - ter dimensões sobre ferramentas de ensino ;
OBJETIVOS ESPECÍFICOS:
Aprender sobre o conteúdo de reprodução assexuada .

- Conhecer os exemplos deste tipo de reprodução ;
- Aprender sobre o conteúdo de reprodução sexuada ;
- Saber como essa reprodução acontece ;
- Transformar a realidade do dia a dia em exemplos sobre essa reprodução ;
- Trazer novas ferramentas de aprendizagem para a sala de aula .

DADOS DA AULA
CONHECIMENTOS PRÉVIOS TRABALHADOS:
METODOLOGIA: Tradicional
PREPARANDO O AMBIENTE: A aula dará início logo após uma dinâmica de apresentação do conteúdo e foi feita perguntas introdutórias para saber o nível de conhecimento dos alunos.
DESENVOLVIMENTO: Iniciaremos a aula lembrando o assunto anterior até chegar no assunto da aula que será : reprodução sexuada e assexuada , onde irei explicar o que são ,com quem ocorre cada reprodução e como ocorre .
RECURSOS: Quadro , piloto e datashow .
AValiação: A participação dos alunos na aula .
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:
ARARIBÁ. <i>Araribá Conecta Ciências: 8º ano</i> . São Paulo: Araribá, [ano].

Planos de aula Ciclo III e IV



PLANO DE AULA
ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO: E.E.E.F. José Mariano
ESTAGIÁRIO/S: Maria Clara Xavier Melo
ORIENTADOR: Prof ^o . Dr. Henrique César da Silva
PROF. SUPERVISOR: Elisângela da Costa Pereira Santos
TÍTULO/TEMA DA AULA: Reprodução assexuada e sexuada
DATA DA AULA: 14/08/2024
ANO/TURMA: CICLO III e IV
COMPONENTE CURRICULAR: Ciências
UNIDADE TEMÁTICA: Vida e Evolução
OBJETOS DE CONHECIMENTO: Comparar diferentes processos reprodutivos em plantas e animais em relação aos mecanismos adaptativos e evolutivos.
HABILIDADES: EF08CI07
LOCAL DE REALIZAÇÃO DA AULA: Sala de aula
DURAÇÃO DA ATIVIDADE: 45 minutos
OBJETIVOS:
OBJETIVOS GERAL:
• Adquirir conhecimento sobre o conteúdo de reprodução sexuada e assexuada ; • ter dimensões sobre ferramentas de ensino ;
OBJETIVOS ESPECÍFICOS:
• Aprender sobre o conteúdo de reprodução assexuada .

- Conhecer os exemplos deste tipo de reprodução ;
- Aprender sobre o conteúdo de reprodução sexuada ;
- Saber como essa reprodução acontece ;
- Transformar a realidade do dia a dia em exemplos sobre essa reprodução ;
- Trazer novas ferramentas de aprendizagem para a sala de aula .

DADOS DA AULA
CONHECIMENTOS PRÉVIOS TRABALHADOS:
METODOLOGIA: Tradicional
PREPARANDO O AMBIENTE: A aula dará início logo após uma dinâmica de apresentação do conteúdo e foi feito perguntas introdutórias para saber o nível de conhecimento dos alunos.
DESENVOLVIMENTO: Nesta aula darei continuidade do conteúdo e farei a aplicação do ferramenta chamada : Kahoot , onde os mesmos deverão responder as perguntas em equipes sobre o assunto passado na aula .
RECURSOS: Quadro , piloto , datashow ,internet e celulares .
AValiação: A participação dos alunos no kahoot
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:
ARARIBÁ. <i>Araribá Conecta Ciências: 8º ano</i> . São Paulo: Araribá, [ano].

Planos de aula Células



PLANO DE AULA
ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO: E.E.E.F. José Mariano
ESTAGIÁRIO/S: Maria Clara Xavier Melo
ORIENTADOR: Prof. ^a . Dr. Henrique César da Silva
PROF. SUPERVISOR: Elisângela da Costa Pereira Santos
TÍTULO/TEMA DA AULA: Células
DATA DA AULA: 15/08/2024
ANO/TURMA: 6 ano C,D e B
COMPONENTE CURRICULAR: Ciências
UNIDADE TEMÁTICA: Vida e Evolução
OBJETOS DE CONHECIMENTO: Explicar a organização básica das células e seu papel como unidade estrutural e funcional dos seres vivos.
HABILIDADES: EF06CI05
LOCAL DE REALIZAÇÃO DA AULA: Sala de aula DURAÇÃO DA ATIVIDADE: 45 minutos
OBJETIVOS: OBJETIVOS GERAL: - Entender as partes e funções das células e as diferenças entre células procarióticas e eucarióticas. OBJETIVOS ESPECÍFICOS: - Identificar as principais partes da célula e suas funções. - Explicar o que as organelas celulares fazem. - Distinguir células procarióticas de eucarióticas e suas diferenças.

Compreender como a estrutura das células influencia seu funcionamento.
DADOS DA AULA
CONHECIMENTOS PRÉVIOS TRABALHADOS:
METODOLOGIA: Tradicional
PREPARANDO O AMBIENTE: Nesta aula irei começar fazendo perguntas introdutórias e logo após frisar pontos importantes vistos na aula anterior ..
DESENVOLVIMENTO: A aula se dará início relembrando os alunos sobre o conteúdo estudado na aula anterior , para isso foi separado pontos importantes e logo após foi passado uma atividade avaliativa sobre o conteúdo ..
RECURSOS: Quadro , piloto e atividade impressa .
AValiação: A realização da atividade .
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: ARARIBÁ. <i>Araribá Conecta Ciências: 8º ano</i> . São Paulo: Araribá, [ano].

Planos de aula Níveis de organização dos seres vivos



PLANO DE AULA
ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO: E.E.E.F. José Mariano
ESTAGIÁRIO/S: Maria Clara Xavier Melo
ORIENTADOR: Prof. ^a Dr. Henrique César da Silva
PROF. SUPERVISOR: Elisângela da Costa Pereira Santos
TÍTULO/TEMA DA AULA: Níveis de organização dos seres vivos
DATA DA AULA: 21/08/2024
ANO/TURMA: 6 ano C, D e A
COMPONENTE CURRICULAR: Ciências
UNIDADE TEMÁTICA: Vida e Evolução
OBJETOS DE CONHECIMENTO: Explicar a organização básica das células e seu papel como unidade estrutural e funcional dos seres vivos.
HABILIDADES: EF06CI05
LOCAL DE REALIZAÇÃO DA AULA: Sala de aula
DURAÇÃO DA ATIVIDADE: 45 minutos
OBJETIVOS:
OBJETIVOS GERAL:
Entender os diferentes níveis de organização dos seres vivos e como eles funcionam juntos.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS:
- Reconhecer os níveis de organização, como células, tecidos, órgãos, organismos e ecossistemas. - Descrever o que cada nível faz e por que é importante. - Explicar como os níveis se conectam e afetam uns aos outros.

- Comparar como esses níveis aparecem em diferentes tipos de seres vivos. - Revisar o conteúdo passado para a prova.
DADOS DA AULA
CONHECIMENTOS PRÉVIOS TRABALHADOS:
METODOLOGIA: Tradicional
PREPARANDO O AMBIENTE: Darei início com perguntas introdutórias sobre o assunto.
DESENVOLVIMENTO: Nesta aula irei iniciar relembrando o conteúdo já visto em sala de aula e logo após aplicar um exercício de revisão para a prova, em seguida foi aberto o espaço para tirar as dúvidas e responder as perguntas.
RECURSOS: Quadro e piloto
AValiação: A participação em sala de aula e a realização do exercício.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:
ARARIBÁ. <i>Araribá Conecta Ciências: 8º ano</i> . São Paulo: Araribá, [ano].

Planos de aula Níveis de organização dos seres vivos (revisão)



PLANO DE AULA
ESCOLA CAMPO DE ESTÁGIO: E.E.E.F. José Mariano
ESTAGIÁRIO/S: Maria Clara Xavier Melo
ORIENTADOR: Prof. ^a . Dr. Henrique César da Silva
PROF. SUPERVISOR: Elisângela da Costa Pereira Santos
TÍTULO/TEMA DA AULA: Níveis de organização dos seres vivos
DATA DA AULA: 21/08/2024
ANO/TURMA: 6 ano C ,D e A
COMPONENTE CURRICULAR: Ciências
UNIDADE TEMÁTICA: Vida e Evolução
OBJETOS DE CONHECIMENTO: Explicar a organização básica das células e seu papel como unidade estrutural e funcional dos seres vivos.
HABILIDADES: EF06CI05
LOCAL DE REALIZAÇÃO DA AULA: Sala de aula
DURAÇÃO DA ATIVIDADE: 45 minutos
OBJETIVOS:
OBJETIVOS GERAL:
Entender os diferentes níveis de organização dos seres vivos e como eles funcionam juntos.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS:
- Reconhecer os níveis de organização, como células, tecidos, órgãos, organismos e ecossistemas. - Descrever o que cada nível faz e por que é importante. - Explicar como os níveis se conectam e afetam uns aos outros.

- Comparar como esses níveis aparecem em diferentes tipos de seres vivos. - Revisar o conteúdo passado para a prova .
DADOS DA AULA
CONHECIMENTOS PRÉVIOS TRABALHADOS:
METODOLOGIA: Tradicional
PREPARANDO O AMBIENTE: Darei início com perguntas introdutórias sobre o assunto .
DESENVOLVIMENTO: Nesta aula irei iniciar lembrando o conteúdo já visto em sala de aula e logo após aplicar um exercício de revisão para a prova , em seguida foi aberto o espaço para tirar as dúvidas e responder as perguntas .
RECURSOS: Quadro e piloto
AValiação: A participação em sala de aula e a realização do exercício .
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:
ARARIBÁ. <i>Araribá Conecta Ciências: 8º ano</i> . São Paulo: Araribá, [ano].

	INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
	Campus Cabedelo - Código INEP: 25282921
	Rua Santa Rita de Cássia, 1900, Jardim Camboinha, CEP 58103-772, Cabedelo (PB)
	CNPJ: 10.783.898/0010-66 - Telefone: (83) 3248.5400

Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

Trabalho de Conclusão de Curso

Assunto:	Trabalho de Conclusão de Curso
Assinado por:	Maria Clara
Tipo do Documento:	Tese
Situação:	Finalizado
Nível de Acesso:	Ostensivo (Público)
Tipo do Conferência:	Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- Maria Clara Xavier Melo, DISCENTE (202127020017) DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - CABEDEL0, em 19/09/2025 17:19:04.

Este documento foi armazenado no SUAP em 19/09/2025. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 1615969
Código de Autenticação: 392ebb9a20

